

Coro

Casa da Música

Léo Warinsky direção musical

08 out 2023 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Maurice Ravel (arr. Thibault Perrine)

Belle qui tiens ma vie (Pavane pour une infante défunte) (1899/2022)

Maurice Ravel (arr. Thierry Machuel)

Duas peças de *Ma mère l'Oye* (1908-10/2005)

- Pavane de la Belle au bois dormant
- Le jardin féerique

Maurice Ravel (arr. Clytus Gottwald)

Soupir (1913/1975)

Claude Debussy (arr. Clytus Gottwald)

Des pas sur la neige (1910/2002)

Gustav Mahler (arr. Clytus Gottwald)

Ich bin der Welt abhanden gekommen (1901/1983)

Maurice Ravel (arr. Clytus Gottwald)

Toi, le cœur de la rose (1925/2008)

Samuel Barber

Agnus Dei (Adagio para cordas) (1936/1967)

Maurice Ravel (arr. Thibault Perrine)

Bolero (1928/2022)

Duração aproximada do concerto: 1 hora sem intervalo.

Textos originais e traduções nas páginas 6 a 11.

Sendo a voz o instrumento que viaja com todos nós para todos os lugares, e sendo o canto coral um modo de fazer música tão antigo quanto prático, é natural que nos cruzemos frequentemente com arranjos corais de música originalmente feita para voz solista ou para outros grupos que envolvam a voz. Desde a era medieval, desenvolveu-se também a prática de elaborar arranjos instrumentais a partir de música vocal. O contrário, contudo, é já muito raro — e ainda mais estimulante. Os desafios são vários e de diferentes naturezas. Como fazer, a partir de um som instrumental, uma parte vocal? Haverá que emular o timbre e o carácter desse(s) instrumento(s)? E se sim, como? Outra questão pertinente é o recurso a texto, obviamente não previsto num original instrumental, e a escolha do mesmo.

No programa deste concerto, podemos apreciar casos muito diversos que demonstram várias possibilidades: um arranjo sem texto; um com texto pré-existente retirado de outra obra vocal; a mistura de dois poetas numa mesma música; e, por fim, arranjos com textos escritos especialmente para o efeito. As notas que se seguem apresentam brevemente o repertório e a abordagem dos quatro arranjos que possibilitaram um fim de tarde tão peculiar como este.

Samuel Barber

arranjo de Barber

O *Agnus Dei* do americano **Samuel Barber** (1910-1981) é a única obra do programa cujo arranjo se deve ao compositor da versão original. É uma adaptação para coro do célebre *Adagio para cordas*. Inicialmente parte do Quarteto de cordas, op. 11 (1936), o *Adagio* ficou mais conhecido na versão para orquestra de cordas que Barber realizou sob encomenda do maestro Arturo Toscanini para um programa da Orquestra Sinfónica da NBC. A partitura orquestral acabaria por marcar presença nos *media* e em cerimónias oficiais, muitas vezes em expressão de luto, e tornar-se-ia para muitos indissociável do filme *Platoon* (1986) de Oliver Stone, a cujas cenas confere uma intensidade emocional inesquecível. Por entre o lento desenrolar do tecido harmónico, o ouvido centra-se nas serenas e contidas oscilações da melodia, da qual emana a mesma depuração de um canto gregoriano, suspenso no tempo e envolto num misticismo íntimo e resignado. A expressão sugestiva de um teor sacro foi enfim legitimada quando, em 1967, Barber aplicou à música do *Adagio* o tradicional texto latino do Cordeiro de Deus, transformando-o no *Agnus Dei* que ouvimos neste concerto.

Mahler, Debussy, Ravel

arranjos de Gottwald

O compositor, musicólogo e maestro de coros alemão Clytus Gottwald (1925-2023) escreveu dezenas de arranjos corais de referência, quatro deles incluídos neste programa.

De **Gustav Mahler** (1860-1911), Gottwald adaptou para coro a canção *Ich bin der Welt abhanden gekommen*. Este exemplar maior do *lied* mahleriano é parte do pequeno conjunto conhecido como *Rückert-Lieder* — um punhado de canções autônomas (não um ciclo), todas elas com versos de Friedrich Rückert (1788-1866), o mesmo autor dos poemas das *Kindertotenlieder*. A canção, escrita originalmente em 1901, foi publicada quer em partitura para voz e piano, quer na versão com acompanhamento orquestral que serve hoje de referência. Mahler terá dito sobre ela: “esta canção sou eu”. Versos e música evocam um estado de paz contemplativa, trazido pelo afastamento do poeta em relação à agitação quotidiana, enfim mergulhado no seu mundo interior. O arranjo de Gottwald utiliza porções do texto para as partes de acompanhamento instrumental, bem como para os solos de corne inglês que serviam de introdução, separação entre estrofes, diálogo com a voz ou conclusão da peça. Destaque-se o breve melisma de soprano no final da penúltima estrofe, que prova que o ambiente mágico permanece intocado neste arranjo.

Des pas sur la neige é um dos mais particulares de entre os prelúdios para piano compostos por **Claude Debussy** (1862-1918). Publicados em dois volumes (cada um com doze prelúdios), são uma verdadeira súmula das possibilidades sonoras e expressivas do piano ao jeito impressionista, primando pela arte da sugestão emocionalmente distanciada e pela valorização dos efeitos tímbricos nas suas mais

ínfimas nuances. Nestes “Passos na neve”, há uma pequena célula recorrente em jeito de passadas lentas, cuja imutabilidade dá à peça uma dimensão estática (na partitura lê-se: “este ritmo deve ter o valor sonoro de um fundo de paisagem triste e gelado”). Por outro lado, as sucessivas mudanças de acordes que surgem com ela proporcionam variações de luz e de cor que dão uma expressão especial ao resultado e que o arranjo preserva. Como texto, Gottwald realizou uma colagem que justapõe trechos de poemas escritos em francês por Rainer Maria Rilke (1875-1926) e Stéphane Mallarmé (1842-1898). A relação semântica entre os dois poemas espelha, de algum modo, em termos literários os jogos de perspectiva que as nuances harmónicas operam na partitura.

O restante programa mergulha-nos no universo sonoro de **Maurice Ravel** (1875-1937). *Soupir*, com poema do mesmo Mallarmé (poema esse que, por sinal, também serviria de base a uma peça de Debussy), foi escrita em 1913 como primeira peça do ciclo *Três Poemas de Stéphane Mallarmé*. Nela se mostra a permeabilidade do compositor aos achados mais recentes de Schoenberg (*Pierrot Lunaire*) e de Stravinski (*Três Poesias da Lírica Japonesa*), de cuja peculiar instrumentação se aproxima (a partitura original de Ravel requer soprano, piano, quarteto de cordas, duas flautas e dois clarinetes). No início temos um cenário etéreo, sublinhado por harmonias suaves e coloridas, originalmente feitas por cordas em harmónicos¹ arpejados — e, no arranjo de Gottwald, delicadamente espalhadas pelo tecido coral, revestidas de cores ainda mais ricas. A segunda

¹ [N. E.] Sons agudos obtidos com o simples afluoramento da corda em pontos específicos, e que se diferenciam do som habitual da corda (solta ou pisada) pelo facto de apenas se produzir um componente isolado da nota.

metade do poema contrasta pelas harmonias dissonantes, que denunciam a marca da expansão de linguagem promovida por aqueles compositores, ainda que sob um refinado filtro raveliano. Os acordes finais, que no original voltam a fazer uso dos harmônicos, soam neste arranjo com o igualmente agudo e peculiar timbre de assobio.

Toi, le cœur de la rose faz parte da ópera *A Criança e os Sortilégios*, com música de Ravel e libreto de Sidonie-Gabrielle Colette (1873-1954), estreada em 1925. O enredo conta a história de uma criança que, repreendida pela mãe, se revolta e começa a destruir o que tem no quarto, e a atacar os animais que a rodeiam. Exausta, passada a fúria, vê depois os objectos a ganhar vida na sua imaginação, a falar com ela, a exprimir as suas dores pelo que lhes fez. *Toi, le cœur de la rose* corresponde ao momento em que a criança, subitamente sozinha, diante do livro do conto de fadas agora desfeito em pedaços, reflecte e invoca a Princesa. A música é suave e delicada. Neste arranjo coral, Gottwald reforça o lado onírico de toda a cena com uma introdução que começa nublada por subtis desencontros rítmicos e harmonias densas (com refinados *clusters* diatónicos), até que a melodia desponta naturalmente da textura, num ambiente aconchegado e encantado.

Maurice Ravel

arranjos de Perrine

Do arranjador Thibault Perrine (1979-) apresentamos dois arranjos originalmente encomendados pelo ensemble Les Métaboles, coro especializado em repertório *a cappella*, fundado pelo maestro Léo Warynski.

A delicada e elegante *Pavana para uma infanta defunta* foi originalmente composta por Ravel para piano, em 1899. Apesar da reticente opinião que o compositor tinha sobre ela, a peça foi acarinhada pelo público, especialmente na versão orquestral feita pelo próprio em 1910. O andamento lento evoca a pavana, dança de corte do século XVI, e Ravel imaginou a música como que dançada por alguma infanta daquele tempo, portanto já defunta. Na sua orquestração, destaca-se o expressivo e doce solo de trompa, entre os mais populares excertos solísticos do instrumento, que se adequa na perfeição à tristeza resignada que a música sugere. No arranjo coral, Perrine reforça a evocação quincentista ao usar versos provenientes de uma célebre pavana desse tempo: *Belle qui tiens ma vie*, incluída por Thoinot Arbeau (1520-1595) no seu importante tratado sobre danças intitulado *Orchésographie*. O próprio recurso a um texto de outra música evoca também a prática do *contrafactum*, comum naquele tempo, que consistia na substituição do texto original de uma música por um de outra proveniência.

Decerto não haverá peça coral mais inesperada do que um arranjo do *Bolero* de Ravel, especialmente por se tratar de uma partitura tão umbilicalmente ligada ao espectro tímbrico e dinâmico de uma orquestra. Escrito para um bailado em 1928, o Bolero foi descrito pelo compositor como “uma peça de dezasete minutos consistindo unicamente de um tecido orquestral sem música — um longo e

progressivo crescendo”. De facto, a peça é um enorme exercício de exploração dos timbres e cores orquestrais, fundado na técnica do “crescendo orquestral” (o aumento de intensidade sonora conseguido sobretudo por uma gradual e ponderada adição de instrumentos). Se é verdade que um coro nunca poderia produzir o registo amplo de uma orquestra ou a sua variedade de colorido — nem mesmo um coro dividido em 16 partes, como é o caso —, é também verdade que a imaginação de Perrine o levou a encontrar recursos que maximizam a paleta do conjunto e que o aproximam de alguns timbres orquestrais: como a enunciação de toda a peça sem qualquer texto, a aposta nas potencialidades tímbricas de uma dada vogal escolhida para cantar a melodia, a percussão corporal, a imitação de instrumentos de percussão com a voz ou mesmo o recurso a sons assobiados. O resultado é uma experiência única.

Maurice Ravel

arranjos de Machuel

O programa completa-se com dois arranjos de Thierry Machuel (1962), compositor e professor com vasta experiência em música coral.

A suite *Ma mère l'Oye* de Ravel consistia, originalmente, de cinco peças baseadas em contos infantis, escritas em 1908-10 para piano a quatro mãos e dedicadas aos filhos de um casal amigo. Mais famosa é a versão para orquestra, que o próprio compositor fez em 1911, num processo que expandiu a partitura por mais peças e a configurou como bailado. Machuel elaborou arranjos corais de dois excertos da suite, em parceria com Benoît Richter (1971-), que escreveu textos capazes de preencher, com elegância e sobriedade, a distância entre o som mais percussivo do piano originalmente concebido por Ravel e o carácter aveludado das vozes.

A tranquila e misteriosa “Pavane de la Belle au bois dormant” — mais uma sugestão quinzentista no título — evoca o sono da Bela Adormecida; o momento final da suite, “Le jardin féérique”, brota do mais simples aconchego ao mais luminoso esplendor para evocar o beijo com que o príncipe a desperta, na presença das personagens de outros contos.

PEDRO ALMEIDA, 2023²

² O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Maurice Ravel (arr. Thibault Perrine)

Belle qui tiens ma vie

(Pavane pour une infante défunte)

*Belle qui tiens ma vie
Captive dans tes yeux,
Qui m'as l'âme ravie
D'un sourire gracieux,
Viens tôt me secourir
Ou me faudra mourir. (bis)*

*Pourquoi fuis-tu mignarde
Si je suis près de toi,
Quand tes yeux je regarde
Je me perds dedans moi,
Car tes perfections
Changent mes actions. (bis)*

*Tes beautés et ta grâce
Et tes divins propos
Ont échauffé la glace
Qui me gelait les os,
Et ont rempli mon cœur
D'une amoureuse ardeur. (bis)*

*Mon âme soulait être
Libre de passions,
Mais Amour s'est fait maître
De mes affections,
Et a mis sous sa loi
Et mon cœur et ma foi. (bis)*

*Approche donc ma belle
Approche, toi mon bien,
Ne me sois plus rebelle
Puisque mon cœur est tien.
Pour mon mal apaiser,
Donne-moi un baiser. (bis)*

Bela que tens a minha vida
Cativa nos teus olhos,
Que encantaste a minha alma
Com um sorriso gracioso,
Vem depressa para me socorrer
Ou só me restará morrer. (bis)

Porque foges, formosa,
Se estou perto de ti,
Quando teus olhos contemplo
Perco-me em mim mesmo,
Pois as tuas perfeições
Mudam os meus atos. (bis)

A tua beleza e graciosidade
E as tuas palavras divinas
Aqueceram o gelo
Que congelava os meus ossos,
E encheram o meu coração
De um ardor apaixonado. (bis)

A minha alma soía³ estar
Livre de paixões,
Mas o Amor apoderou-se
Dos meus afetos,
E submeteu à sua lei
O meu coração e a minha fé. (bis)

Aproxima-te, minha linda
Aproxima-te, minha querida,
Não me resistas mais
Pois meu coração é teu.
Para aliviar a minha dor,
Dá-me um beijo. (bis)

³Soer: ter o hábito de. Muitas adaptações modernas do texto substituem este verbo por “querer”, que se conjuga da mesma forma, mas que implica uma alteração no sentido da frase.

*Je meurs mon angelette,
Je meurs en te baisant.
Ta bouche tant douce
Va mon bien ravissant.
À ce coup mes esprits
Sont tous d'amour épris. (bis)*

*Plutôt on verra l'onde
Contre mont reculer,
Et plutôt l'oeil du monde
Cessera de brûler,
Que l'amour qui m'époint
Décroisse d'un seul point. (bis)*

— Thoinot Arbeau, in *Orchésographie*

Morro, meu anjo,
Morro ao beijar-te.
A tua boca tão doce
Deleita-me, meu bem.
Neste momento a minha alma
Está perdidamente apaixonada. (bis)

Mais depressa
A onda recuará,
E mais depressa o olho do mundo
Deixará de brilhar,
Do que o amor que me invade
Diminuirá um bocadinho. (bis)

Maurice Ravel (arr. Thierry Machuel)

Pavane de la Belle au bois dormant

*Le grand lit est froid
Reste auprès de moi
Là ! Attends le bon-sommeil*

*Je suis là
Assise auprès de toi
Ma main repose sur ta main
Et te veille*

*(Vois la nuit qui avance
comme un chat dans le noir)*

Tu vas rejoindre ton nom d'enfant

*Le grand lit est froid
Reste près de moi
Là ! Attends le bon-sommeil*

*Je suis là
Assise auprès de toi
La nuit avance sur ton âme
Et te veille*

O grande leito está frio
Fica junto de mim
Ai! Espera pelo sono reparador

Estou aqui
Sentada ao teu lado
A minha mão está pousada em cima da tua
E vela por ti

(Vê a noite que avança
como um gato no escuro)

Vais juntar-te ao teu nome de criança

O grande leito está frio
Fica junto de mim
Ai! Espera pelo sono reparador

Estou aqui
Sentada ao teu lado
A noite avança para a tua alma
E vela por ti

— Benoît Richter

Maurice Ravel (arr. Thierry Machuel)

Le jardin féérique

*Jardin paisible loin dans nos mémoires
Là où la peau nue cache un feuillage
Là où la sève monte au visage*

*Source nous sommes la source
Patients dans le temps de la nuit*

*Sans bruit veiller les feuilles et les pierres
Rester immobile allongé sur la terre
Simplement comme feraient le vent ou
le courant*

*Lentement
Nous marchons sous les arbres du jardin
Nous goûtons à la vie avant la vie
Un oiseau posé sur nos branches
Silencieux
Au-dessus le ciel s'ouvre*

*Voici le monde qui passe léger dans
le souffle*

*Nous sommes le souffle
Nous sommes souffle*

*Gravés sur la terre
Là où nos mots prennent vie*

Jardim tranquilo distante nas nossas memórias
Onde a pele nua esconde a folhagem
Onde a seiva sobe até ao rosto

Fonte, nós somos a fonte
Serenos no tempo da noite

Em silêncio, ficar atento às folhas e às pedras
Ficar imóvel estendido no chão
Como o fariam o vento ou a corrente

Lentamente
Caminhamos sob as árvores do jardim
Experimentamos a vida antes da vida
Um pássaro pousado nos nossos ramos
Silencioso
Por cima o céu abre-se

Eis que o mundo passa suavemente para
o fôlego

Nós somos o fôlego
Nós somos fôlego

Gravados na terra
Onde as nossas palavras ganham vida

— Benoît Richter

Maurice Ravel (arr. Clytus Gottwald)

Soupir

*Mon âme vers ton front où rêve, ô calme sœur,
Un automne jonché de taches de rousseur,
Et vers le ciel errant de ton œil angélique
Monte, comme dans un jardin mélancolique,
Fidèle, un blanc jet d'eau soupire
vers l'Azur !*

— *Vers l'azur attendri d'octobre
pâle et pur*

*Qui mire aux grands bassins sa langueur infinie
Et laisse, sur l'eau morte où la fauve agonie
Des feuilles erre au vent et creuse
un froid sillon,*

Se trainer le soleil jaune d'un long rayon.

— Stéphane Mallarmé, in *Le Parnasse contemporain*

Minha alma procura, ó irmã tão serena,
Tua fronte onde sonha um outono sardento,
E para o céu errante, com o teu olhar angelical,
Eleva-se, como num jardim melancólico,
Fiel, um jato branco de água suspirando em
direção ao Azul!

— Em direção ao Azul suave do outubro
pálido e puro

Que reflete nos lagos o seu langor infinito
E deixa, nas águas mortas onde a fulva agonie
Folhas vagueiam ao vento e abrem
um sulco frio,

Languidamente arrastar-se um raio de
sol amarelo.

Claude Debussy (arr. Clytus Gottwald)

Des pas sur la neige

*En hiver, la mort meurtrière
entre dans les maisons ;
elle cherche la sœur, le père,
et leur joue du violon.*

*Quelque hiver sur mon front morose
un flocon de neige creva,
que de l'ongle ...*

*La mort
leur joue du violon,
du violon de glace,
la mort ...*

*Que contre elle ne protège
pas une flamme au dedans.*

— Rainer Maria Rilke/Stéphane Mallarmé³

No inverno, a morte assassina
entra pelas casas adentro,
à procura da irmã e do pai,
tocando violino para eles.

Num Inverno, na minha testa sombria
um floco de neve sucumbiu,
que com a unha...

A morte
toca violino para eles,
violino de gelo,
a morte...

Que contra ela não protege
nem uma chama lá dentro.

⁴ Colagem — os versos de Mallarmé têm indentação.

Gustav Mahler (arr. Clytus Gottwald)

Ich bin der Welt abhanden gekommen

*Ich bin der Welt abhanden Gekommen,
Mit der ich sonst viele Zeit verdorben,
Sie hat lange nichts von mir vernommen,
Sie mag wohl glauben, ich sei gestorben!*

*Es mir auch gar nichts daran gelegen,
Ob sie mich für gestorben hält.
Ich Kann auch gar nichts sagen dagegen,
Denn wirklich bin ich gestorben der Welt.*

*Ich bin gestorben dem Weltgetümmel
Und ruh' in einem stillen Gebiet!
Ich leb' allein in meinen Himmel,
In meinem Lieben, in meinem Lied.*

— Friedrich Rückert

Estou perdido para o mundo,
Onde outrora consumi os meus dias,
Há tanto que não tem notícias minhas,
Bem pode acreditar que morri!

Também já não faz diferença,
Que me considere morto.
Não posso sequer dizer o contrário,
Pois, na verdade, morri para o mundo.

Morri para o bulício do mundo
E descanso numa região serena
Vivo sozinho no céu,
No meu amor, na minha canção.

Maurice Ravel (arr. Clytus Gottwald)

Toi, le cœur de la rose

*Toi, le cœur de la rose,
toi, le parfum du lys blanc,
tes mains et ta couronne,
tes yeux bleus et tes bijoux.*

*Tu ne m'as laissé
comme un rayon de lune,
qu'une cheveu d'or sur mon épaule,
et le débris d'un rêve.*

— Sidonie-Gabrielle Colette

Tu, o coração da rosa,
tu, a fragrância do lírio branco,
tuas mãos e tua coroa,
teus olhos azuis e tuas jóias.

Tal como um raio de luar,
deixaste apenas um fio
de cabelo dourado no meu ombro,
e o vestígio de um sonho.

Samuel Barber

Agnus Dei

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
dona nobis pacem.*

Cordeiro de Deus
que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
dá-nos a paz.

Léo Warinsky direção musical

Preciso, sensível e audacioso são alguns dos termos já usados para caracterizar o maestro Léo Warynski. Expansivo e polivalente, dirige com o mesmo entusiasmo qualquer repertório: ópera, música sinfônica, contemporânea e vocal.

Léo Warynski formou-se em direção de orquestra com François-Xavier Roth (Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris). Ao longo dos dez anos seguintes, adquiriu uma experiência importante com diferentes formações em França e no resto do mundo, apresentando-se nas mais relevantes salas e festivais. É frequentemente convidado da Orquestra Nacional da Ilha de França, da Orquestra da Normandia, do Ensemble inter-contemporain e da Orquestra de Colombie. O gosto pela música vocal e pela ópera leva-o a dirigir produções líricas, destacando-se a colaboração com a Academia da Ópera de Paris.

Entre os seus compromissos para esta temporada figuram concertos com a Orquestra do Capitólio de Toulouse, a Orquestra Filarmônica de Nice (reposição de *200 motels* de Frank Zappa) e a Orquestra de Bade-Württemberg, bem como produções da Ópera de Toulon (*O Morcego* de J. Strauss) e do Teatro Colón de Buenos Aires (*Neither* de Morton Feldman).

Warynski é diretor artístico do ensemble vocal Les Métaboles, que fundou em 2010. Em 2014, foi nomeado diretor musical do Multilatérale, um ensemble instrumental dedicado à nova música.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfônica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Grete Pedersen, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende desde os primórdios da polifonia medieval à nova música. Ao longo dos anos, apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez também estreias nacionais de obras de compositores fundamentais do nosso tempo como Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal e Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Missa de Santa Cecília* de Haydn, *Credo* de Arvo Pärt e *Das klagende Lied* de Mahler.

Na temporada de 2023, o Coro acrescenta algumas obras fundamentais ao seu repertório, em parceria com as orquestras da Casa da Música: a ópera *Elektra* de Richard Strauss, a cantata cénica *Carmina Burana* de Carl Orff e o *Gloria* de Vivaldi. Regressa ainda ao emblemático *Magnificat* de Bach, no concerto especial de Natal. Nos seus concertos *a cappella*, cobre uma gama ampla de períodos históricos, desde Pedro de Cristo e Heinrich Schütz a Arvo Pärt, György Ligeti e Hugo Distler.

As digressões regulares do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Coro Casa da Música

Sopranos

Ana Caseiro
Ângela Alves
Eva Braga Simões
Joana Pereira
Rita Venda

Contraltos

Brígida Silva
Joana Guimarães
Joana Valente
Maria João Gomes

Tenores

Bernardo Pinhal
Fernando Guimarães
Luís Toscano
Vítor Sousa

Baixos

Francisco Reis
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Pedro Lopes
Sérgio Ramos

Maestro adjunto

Pedro Teixeira

Operação Técnica

Iluminação

Eliseu Moraes

Palco

Fernando Gonçalves
Rui Brito

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

